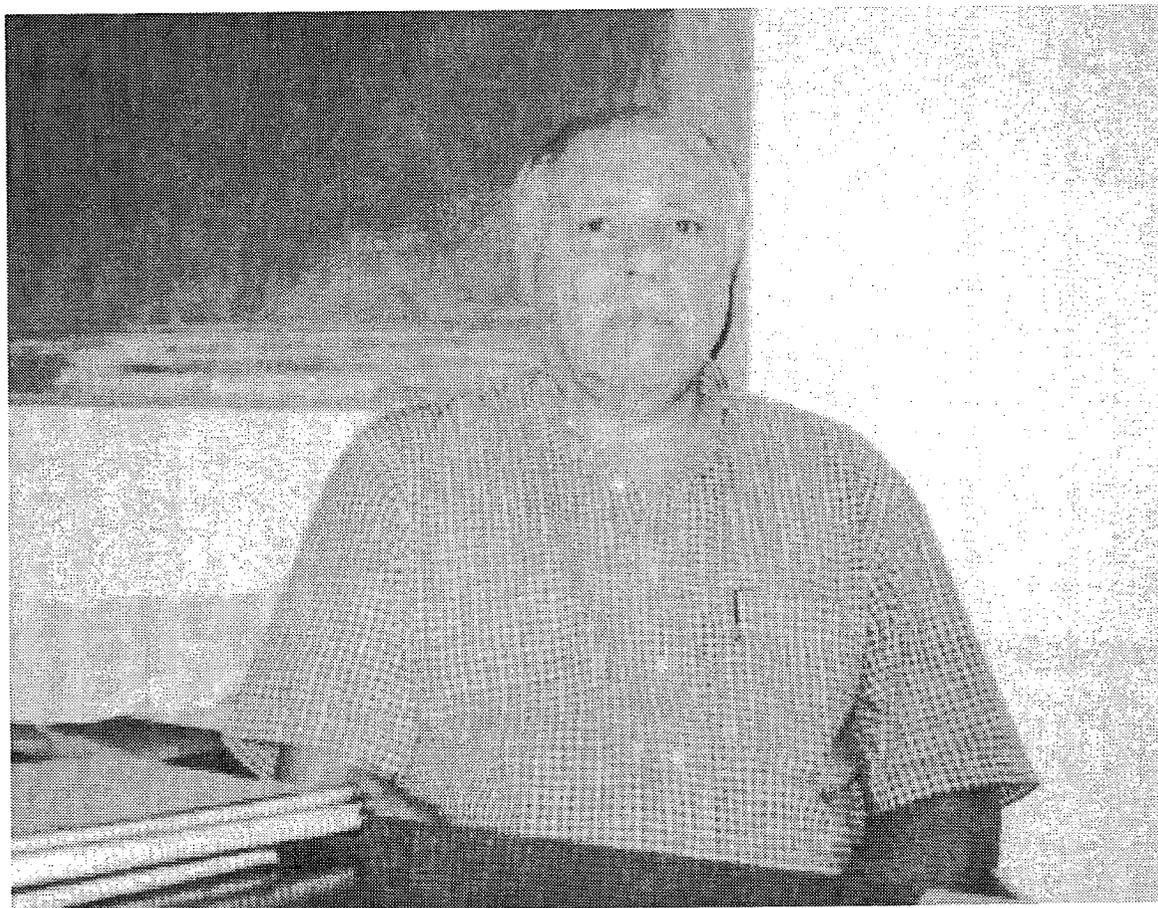


# Trinta Anos de Academia

*Entrevista com o Professor Roberto Lobato Corrêa*



101

**R**oberto Lobato Corrêa é professor do Departamento de Geografia da UFRJ e professor associado do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) do Departamento de Geografia da UERJ.

O professor Lobato destacou-se ao longo de sua carreira como pesquisador no Departamento de Geografia do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), participando de vá-

rios projetos de ressonância nacional, dentre eles aquele relativo à *Região de Influência das Cidades*, publicado em 1987, e o *Atlas Nacional do Brasil*, de 1992.

Sua carreira de pesquisador foi marcada ao longo do tempo pela publicação de artigos em periódicos e livros voltados principalmente para o temário da dinâmica do espaço urbano, das redes geográficas e das discussões em torno do conceito de região e sua aplicabilidade.

Dentre os livros publicados merece destaque *Trajetórias Geográficas*, de 1997, com prefácio do professor Milton Santos, que afirma:

*é bom que Roberto Lobato Corrêa haja decidido reunir em volume o que intitulou de "Trajetórias Geográficas". O que ele nos está oferecendo é mais que um manual, doravante obrigatório, havendo elaborado um verdadeiro compêndio onde as questões centrais da geografia contemporânea são meticulosamente passadas em revista. Utilizando a linguagem elegante e simples, direta e exata que sempre foi a sua, entrega-nos um manancial de idéias, formulações e instrumentos de trabalho, que fazia falta à literatura geográfica brasileira. [...] Este livro retrata bem a traje-*

*tória de Roberto Lobato Corrêa. Quem acompanha a sua obra, que ocupa honrosamente o panorama geográfico brasileiro dos últimos 40 anos, sabe de sua fidelidade à disciplina da qual fez um verdadeiro combate. (Santos, 1997, p. 7)*

Como professor universitário tem-se empenhado em orientar teses acadêmicas, tendo formado inúmeros especialistas em diferentes estados do Brasil. Também participou de diversas bancas examinadoras de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Neste contexto, quero ressaltar, finalmente, a honra de ter a oportunidade de entrevistar o meu colega e chefe no Departamento de Geografia do IBGE, bem como meu professor e orientador no Curso de Doutorado em Geografia da UFRJ.

## **ENTREVISTA CONDUZIDA POR MIGUEL ANGELO RIBEIRO. RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2000.**

**Geo UERJ** - Você poderia comentar quais foram as influências que o levaram a escolher a geografia e a carreira do magistério?

**Roberto Lobato** - Penso que todos nós temos, ao menos temporariamente, um interesse pela geografia pelo simples fato que ela diz respeito, por meio da espacialidade diferencial, à própria vida de cada um de nós. Mas em alguns o interesse é maior e por contingências criam-se oportunidades para que algumas pessoas transformem este geografismo em um grande interesse que se transforme em estudos sistemáticos e no ingresso, na vida profissional, em um órgão de pesquisa, como o IBGE, e na Universidade. Sempre gostei da geografia. Desde menino, com 8-10 anos, gostava da geografia. Lia tudo o que podia. Cheguei mesmo a inventar um país, no qual, na, minha imaginação, alocava montanhas, rios, cidades, áreas diferenciadas com a produ-

ção, etc. Este país chama-se Gotávia e me ajudou a gostar e a pensar a geografia.

Na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil – atual UFRJ –, no curso de geografia, tive dois excelentes professores, Maria do Carmo Corrêa Galvão e Maria Therezinha Segadas Soares. No IBGE fui influenciado, logo no início de minha vida profissional, por Nilo e Lysia Bernardes. Todos eles, entre 1958 e 1966, viabilizaram que a Gotávia da minha imaginação se tornasse mais real.

No IBGE trabalhei de 1959 a 1987 (de 1987 a 1993, quando aposentei-me, estava cedido à UFRJ). Na UFRJ ingressei em 1971 como Auxiliar de Ensino no quadro da CLT. De 1978 a 1994 aí lecionei como professor conferencista na Pós-Graduação. Em 1995 ingressei de novo no quadro da UFRJ. De modo complicado tenho 30 anos na UFRJ.

O que me levou ao magistério? A possibilidade de fazer a geografia que gostava e de transmiti-la

para estudantes. O IBGE, o maior centro de pesquisas geográficas do país durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, deixara de sê-lo a partir da década de 1980, ingressando cada vez mais em tarefas ligadas ao planejamento, em relação às quais não acreditava e que pude permitir-me não ter que realizá-las. A década de 1990 foi toda exclusivamente dedicada ao magistério e à pesquisa acadêmica.

**Geo UERJ** - Ao mesmo tempo em que exercia a função de pesquisador no Departamento de Geografia do IBGE, você atuava como professor na UFRJ. Existe diferença em relação às duas atividades?

**Roberto Lobato** - No que diz respeito à pesquisa, a diferença fundamental era que no IBGE produzia-se sobretudo estudos em escala nacional ou macro-regional e na Universidade estudos em escalas micro-regionais e locais, apresentando ainda uma maior diversidade temática. As diferenças se complementavam: uma não podia progredir sem a outra.

O IBGE não aceitava bem estudos em micro-áreas e a Universidade, cujo progresso como centro de pesquisa é posterior, a partir da década de 1970, com a criação da Pós-Graduação, não tem infra-estrutura para pesquisas em escala nacional. Penso que agora a Universidade possa ampliar o seu interesse por estudos em escala nacional, já que realiza estudos em escala macro-regional.

No que se refere à formação de pesquisadores, atividade fundamental da Universidade, ao lado da formação de professores, atividade primeira, o IBGE já foi um centro de formação de profissionais. Lamentavelmente isto está encerrado. O papel cabe, agora, à Universidade.

**Geo UERJ** - Como se sabe, você leciona na Graduação e na Pós-graduação, nos cursos de Mestrado e Doutorado. Nesta sua trajetória universitária com que disciplinas você mais se identificou e por quê?

**Roberto Lobato** - Organização Interna da Cidade e Rede Urbana são as disciplinas que mais me despertam interesse. Mais adiante falarei delas. A Teoria da Geografia também desperta grande interesse. Penso que uma maior ênfase deveria ser dada a esta disciplina porque por meio dela estabelecesse a natureza e a identidade da geografia.

Na graduação tenho lecionado Geografia Regional do Brasil, uma disciplina que não é de síntese, esta bobagem que inventaram, nem o cerne da própria disciplina. É uma possibilidade de se recortar o real e analisá-lo considerando-o sob uma visão particular, por meio de combinações distintas de um mesmo conjunto de elementos, cada um com sua própria espacialidade. Creio que esta disciplina é fundamental para a formação do geógrafo e do professor da escola secundária. E também para a formação do cidadão comum, a quem o mundo é ensinado de modo fragmentado (e acriticamente).

**Geo UERJ** - Nestes anos de experiência docente na UFRJ, você foi convidado também para ministrar cursos em outros Departamentos de Geografia do País? Você poderia apontar as diferenças existentes nestes diversos Departamentos?

**Roberto Lobato** - Os Departamentos de Geografia da USP e da UFRJ são os mais antigos, ambos originários da década de 1930. Há diferenças entre elas, mas as maiores diferenças são entre as duas, de um lado, e as outras, de outro. Estas diferenças devem-se a várias razões. Quero apontar e insistir em uma delas: a biblioteca. Um bom departamento de geografia, como de qualquer outro ramo da ciência, não pode prescindir de uma boa biblioteca e de seu uso intensivo. Cinco mil livros de geografia e 20 coleções de periódicos internacionais poderiam constituir um patamar inicial para se poder avançar, de modo a se constituir uma dezena de departamentos fortes, com produção de qualidade, quem sabe com especializações que os tornariam centros de excelência em todo o país.

Penso que deva haver diferenças, mas que estas sejam em razão das diversas especializações que possam ter – sem deixar de lado a boa qualidade do ensino básico – e não em razão de uma baixa qualidade geral. Mais do que um modelo centro-periferia, é necessário um modelo de especializações na igualdade e complementaridade.

**Geo UERJ** - De que maneira você vê o ensino da Geografia na Graduação e na Pós-Graduação?

**Roberto Lobato** - Em poucas palavras, graduação é a formação básica e pós-graduação é especialização. O que não é possível é a pós-graduação passar a cobrir lacunas da graduação, como está ocorrendo nos cursos de geografia no Brasil, mas não apenas na geografia.

**Geo UERJ** - Você é um dos professores, do Departamento de Geografia, que mais orienta dissertações de Mestrado e, atualmente, teses de Doutorado. Que balanço você faz dessas dissertações e teses?

**Roberto Lobato** - Há que se considerar que houve, nos últimos 25 anos, uma mudança na concepção de dissertações e teses. Se em 1980, por exemplo, uma dissertação de mestrado poderia ter, e tinha, 250-300 páginas e quatro anos para ser elaborada, vinte anos depois, com dois anos para ser elaborada, verifica-se uma diminuição do tamanho para 80-120 páginas.

É verdade que tamanho não é documento e que há dissertações e teses que não são grandes e têm excelente qualidade. Deixando de lado atributos pessoais, é necessário que, para isto, haja uma graduação mais sólida e o engajamento do estudante de graduação, desde cedo, em pesquisas. Melhor ainda será se o estudante tiver feito um bom curso secundário.

Penso que, com as suas devidas exceções, infelizmente houve uma queda na qualidade das dissertações se compararmos aquelas feitas há 20 anos atrás. Mas isto não deve espantar a nin-

guém porque houve uma queda geral no ensino neste país. A questão é saber o que se pode fazer para minimizar esta situação.

Será que estaríamos então pensando em uma elitização da pós-graduação? Bem, a elite não procura os cursos de geografia, que tem na classe média, com ênfase na baixa classe média, a sua clientela. Num país como o Brasil isto está, via de regra, associado a um curso secundário em uma escola pública que, em seu processo de difusão espacial, teve sua qualidade decaída.

Não podemos ter uma pós-graduação de qualidade inferior, um simulacro de pós-graduação na qual pouco se lê e na qual discutem-se questões que deveriam estar na graduação. Melhorar a qualidade das dissertações e teses significa contribuir para se criar uma elite intelectual que não tenha as suas origens na elite econômica. Que saiba analisar o Brasil com olhos de uma elite intelectual que nunca viveu esplendidamente, que possivelmente tenha conhecido dificuldades e que assim possa, com o seu sólido conhecimento crítico, contribuir para, sem os vínculos com a elite econômica, repensar criticamente este Brasil. Elite intelectual, sim! Simulacros de pós-graduação, não!

**Geo UERJ** - Quais os temas ou linhas de pesquisa que você destaca nestes mais de vinte e cinco anos de orientação?

**Roberto Lobato** - De 1975 até 1990 as dissertações de Mestrado que orientei, 18 ao todo, foram, quase todas, vinculadas a duas linhas de pesquisa, a organização interna da cidade e a rede urbana. São os dois temas mais importantes, em torno dos quais toda a minha vida profissional está assentada.

O interesse pela primeira temática nasce em 1975 quando, recém-chegado de Chicago, onde concluíra o meu mestrado, fui solicitado para organizar um curso com este tema no Mestrado em Geografia da UFRJ. Este curso tem sido oferecido, desde então, de modo sistemático. As dis-

sertações elaboradas referem-se à segregação residencial, organização espacial das atividades terciárias, à valorização fundiária e à promoção imobiliária. A localização industrial intraurbana e a dinâmica de bairros foram também objetos de dissertações de Mestrado.

A temática da rede urbana tem para mim uma história mais longa. O interesse nasce a partir dos contatos com Lysia Bernardes e de meu primeiro estudo relativo à rede urbana de Alagoas, publicado em 1963-1964. As dissertações orientadas referem-se às redes urbanas gaúcha, fluminense e mineira.

A partir de 1991 houve, além da manutenção das duas temáticas, a incorporação de outras. Com bons mestrados é possível ousar com novos temas. Entre estes destaco a dissertação de João Baptista Ferreira de Mello sobre a leitura, feita pelos compositores da MPB (Música Popular Brasileira), do espaço carioca. A espacialidade da religião, a análise da rede bancária brasileira e a mudança da apreciação sobre a praia foram objetos de dissertações extremamente enriquecedoras.

As duas temáticas prosseguiram com dissertações envolvendo reflexões teóricas sobre a segregação residencial, estudos sobre renovação urbana e periferia rural-urbana, além dos tópicos anteriormente considerados. As dissertações sobre redes urbanas incluíram estudos a respeito do conjunto da região da Alta Paulista, sobre a rede urbana de São Paulo, sobre um nó da rede urbana gaúcha, a cidade de Santa Maria. No total, de 1991 ao ano de 2000, foram 25 dissertações orientadas. Em relação ao doutorado - 4 teses orientadas - os temas referem-se à rede urbana da Amazônia, a análise da dinâmica de um grande banco, a biografia geográfica de um artista da música popular e a análise, no âmbito da geografia histórica, do processo de dispersão de imigrantes europeus.

O que significa tudo isto? Significa, além da formação de pesquisadores e professores, o meu próprio aperfeiçoamento. Orientar dissertações

e teses é ampliar as possibilidades de realizar pesquisas que você sozinho não conseguiria. É uma necessidade para o professor e, ao mesmo tempo, um dever social. Ganhei muito. Assim, ao orientar trabalhos em diferentes escalas, nacional, macro-regional, regional e intraurbana, pude verificar o papel das escalas no processo de apreensão da realidade. Ao orientar estudos sobre o Brasil, a Amazônia, o Sudeste, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, sertão e agreste alagoano, Belém, Teresina, Porto Velho, Macaé, Guarapuava, Santo Angelo, Ijuí e, naturalmente, envolvendo a região metropolitana do Rio de Janeiro, ampliei o conhecimento a respeito do Brasil, especialmente por intermédio de duas temáticas, a da organização interna da cidade e da rede urbana.

**Geo UERJ** - Como você entende, ao longo desses anos, a evolução do pensamento geográfico brasileiro, no ensino e na pesquisa?

**Roberto Lobato** - Vou me limitar às décadas de 1980 e 1990. A geografia brasileira tornou-se mais rica em termos teóricos e metodológicos e viu um enorme aumento do número de cursos, estudantes e profissionais.

Se em 1980 a geografia brasileira estava, ao que tudo indicava, direcionada à geografia crítica, a partir de 1990, mais ou menos, verificava-se um processo de diversificação que inclui uma maior variedade de temas e abordagens.

Além da perspectiva crítica, que permanece, re-toma-se, de certa forma, a quantificação por meio do geoprocessamento. Uma perspectiva humanista, pouco difundida, aliás, ao lado de uma emergente geografia cultural, contribuem para tornar plural a geografia brasileira. A geografia física também se expande, em parte vinculada às questões ambientais, em parte vinculada à geomorfologia, pedologia e climatologia. Depois de 20 anos, a AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros) tem um presidente oriundo da geomorfologia.

O desenvolvimento da geografia brasileira levou a uma aparente desagregação dos geógrafos, reunidos em várias associações, formalizadas ou não, de geógrafos urbanos, agrários, da geografia física aplicada etc. Ao mesmo tempo, a AGB não é mais o grande e único foco centralizador dos interesses dos geógrafos. Sem dúvida, numa geografia plural, que envolve, adicionalmente professores universitários, técnicos empregados em órgãos públicos e empresas de consultoria, professores do ensino secundário e estudantes de graduação, é difícil reunir tantos interesses diversos em uma só entidade que, infelizmente, não se organiza para ser, de fato, a grande e forte instituição de todos os geógrafos. Continua a ser uma organização amadorista e ineficiente. Isto é lamentável e acaba prejudicando os interesses dos geógrafos e as possibilidades destes participarem coletivamente das questões políticas, sociais e econômicas do país, como fazem a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), o IAB e outras instituições.

No processo de desenvolvimento e expansão da geografia brasileira há uma enorme criatividade, descobrindo-se, com atraso, temas que refletem a potencialidade da geografia. Isto se deve mais à imaginação geográfica de muitos geógrafos do que ao acesso à bibliografia que, via de regra é, nas universidades, muito pobre. Em realidade, gasta-se muito mais com encontros, congressos e simpósios - com enormes despesas com passagens aéreas e hospedagem - do que na criação de boas bibliotecas. Com R\$ 10.000,00 ou US\$ 5000,00, que é pouco para um simpósio, pode-se comprar 50 livros de US\$ 100,00 cada, ou 100 livros de US\$ 50,00, o que é mais significativo para o aperfeiçoamento dos geógrafos.

Ao que parece, os órgãos de fomento preferem gastar o dinheiro público com companhias de aviação e hotéis do que com livros, que aliás não geram visibilidade. As universidades não têm poder para pressionar por boas bibliotecas. Por outro lado, os inúmeros e sucessivos encontros e simpósios, que em si são importantes, alimen-

tam redes de poder no âmbito da comunidade geográfica, sobretudo em escala regional.

A despeito disto, contudo, a seu jeito, a geografia brasileira tem um enorme dinamismo e o balanço que faço é positivo. O pluralismo teórico e metodológico, gostemos ou não, é uma marca da geografia brasileira para os primeiros anos do século XXI.

**Geo UERJ** - O que você pensa do ensino da Geografia para o início do próximo milênio?

**Roberto Lobato** - Creio que, ao nível da graduação, esta deve ser vista com mais atenção. Há uma proliferação crescente de cursos de mestrados que, na verdade, não deveria ocorrer. Os ganhos obtidos com a conclusão do doutoramento dos professores deveria ser direcionado para a graduação e, um pouco mais tarde do que está ocorrendo, para a pós-graduação. Ter cinco doutores é necessário mas não suficiente para se criar um curso de Mestrado. Infelizmente os órgãos de fomento estão mais preocupados com quantidade do que com qualidade. Com isto, verifica-se que os Mestres que se formam estão mal qualificados e os graduandos mal formados. Na formação do geógrafo creio ser necessário separar, após o 2º ano ou 4º semestre, o aluno que se destina ao magistério daquele que se destina à pesquisa ou ao mercado de trabalho de técnicos. Separação porque, após uma base comum, é necessário que se dê uma formação específica para um e para outro, que lidarão com objetos diferentes: a formação do cidadão e as transformações sócioespaciais, que incluem os impactos ambientais. Penso que, no limite, o geógrafo poderia ser formado em um Departamento de Geografia numa Faculdade de Ciências e os professores numa Faculdade de Educação. Em princípio nenhuma delas é melhor que a outra, apenas têm, a partir de uma base comum, caminhos diferentes, mas para um mesmo fim. Para os dois anos básicos da formação do geógrafo e do professor secundário, creio que deverão

ser oferecidas disciplinas que digam respeito à história do pensamento geográfico e teoria geográfica, metodologia da pesquisa, cartografia básica e temática, algumas geografias humanas, geomorfologia geral, climatologia e biogeografia. Doze ou dezesseis cursos em 2 anos podem ser suficientes se bem estruturados.

Para os dois anos posteriores as opções podem ser muitas, dependendo de vários aspectos.

Esta discussão não se limita ao início do próximo milênio, mas penso que o antecede e estender-se-à por mais tempo ainda, por envolver questões básicas, de longa duração.

**Geo UERJ** - Quais os temas que você destacaria para pesquisas futuras? Por que?

**Roberto Lobato** - Creio que há temas permanentes para a geografia, porque, em muitos casos, mudam os conteúdos mas não os temas. Assim, a geografia urbana, no que diz respeito ao espaço intraurbano, gerará um conjunto permanente de temas que, entretanto, mudam de forma, conteúdo e significado.

Outros temas, entretanto, podem emergir, tanto porque aparecem no mundo real, ou porque apenas tardiamente foram descobertos pelos geógrafos.

Penso que a geografia cultural oferece um conjunto de temas significativos que só recentemente têm sido descobertos pelos geógrafos brasileiros (religião, música, literatura, imaginário, memória, identidade etc...). Mas é preciso levar em conta aspectos que resultam das transformações na sociedade brasileira. As novas formas de urbanização e o seu significado, o circuito inferior da economia, tema ao qual, aliás, os geógrafos brasileiros não deram a devida atenção, cada vez mais importante no Brasil, as estratégias espaciais de sobrevivência e resistência dos pobres e as reconfigurações regionais, entre outros, são alguns dos temas que penso devam ser importantes para o futuro próximo. Insisto, contudo, na enorme imaginação geográfica de muitos geógrafos, que saberão identificar, no lugar certo e no momento certo, quais são os temas relevantes para dar conta da inteligibilidade do espaço onde vivem.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, Milton. Prefácio. In: CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304 p. p. 7-9.

